**EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA O TRABALHO COM A DIVERSIDADE EM SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Bruna Bonivais de Oliveira

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –* [*brunabonivais@gmail.com*](mailto:brunabonivais@gmail.com)

Beatriz Andrade dos Santos

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –* [*beatrizandradesantos2@gmail.com*](mailto:beatrizandradesantos2@gmail.com)

Diana Maria Leite Lopes Saldanha

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –* [*dianalsaldanha@yahoo.com.br*](mailto:dianalsaldanha@yahoo.com.br)

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo discutir sobre as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado I, visando contribuir para o processo de formação do graduando em pedagogia, tendo em vista a diversidade encontrada em sala de aula na Educação Infantil, tanto no que que diz respeito ao nível de aprendizagem dos alunos, quanto ao seu comportamento. Norteia-se pela abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica, observação participante. Os dados construídos apontam que existem diferentes concepções sobre o estágio supervisionado. As experiências vivenciadas no estágio supervisionado nos fizeram enxergar algumas dificuldades existentes nas salas de aula, a confirmação de que as salas são heterogêneas, que as crianças aprendem de formas diferentes. Os dados construídos revelam a necessidade de uma prática que venha permitir, de fato, a inclusão de pessoas e compreender a importância da preparação teórico-metodológica do professor que atuará em sala de aula, buscando assim, flexibilidade nos nossos planos de aula e nas nossas práticas pedagógicas.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado, Educação Infantil, Formação, Aprendizagem

**INTRODUÇÃO**

No presente trabalho, discutiremos sobre a importância do Estágio Supervisionado I, e suas contribuições para o processo de formação do graduando em Pedagogia, confrontando os estudos teóricos com as experiências vivenciadas durante o processo de observação e regência do estágio.

A formação do professor propicia a interação com uma diversidade de saberes, esses saberes são essenciais para o desenvolvimento da prática de sala de aula com vistas uma educação plural e de qualidade, devemos considerar que “os saberes profissionais dos professores parecem ser, portanto, plurais, [...] pois trazem à tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser [...]”(TARDIF, 2008, p. 61). A formação do professor é necessária para que o educador possa construir inúmeros saberes, tanto teórico como prático, que são imprescindíveis para a construção de um bom profissional da educação.

Dessa forma, o contato com o “chão da escola” por meio do estágio supervisionado é importante para a formação do professor, pois possibilita a experiência direta com a prática de ensino ajudando aos graduandos a relacionarem os conhecimentos construídos pela teoria à prática pedagógica. Nesse sentido, como afirma Nascimento (2011, p.20) “[...] ensinar é mobilizar uma grande variedade de conhecimentos [...]”, assim, os conhecimentos que são construídos no curso de pedagogia, de cunho teórico ou prático, tem fundamental relevância para a formação dos professores.

O Estágio Supervisionado é compreendido como “[...] a parte prática dos cursos de formação de profissionais, em contraposição à teoria [...]” (PIMENTA, 2010, p. 33), sendo assim, é natural que muitos alunos do curso de formação para professores construam discursos como: *Na prática a teoria é outra* ou *Aprende-se a ser professor na prática*. Dessa forma, são construídos discursos e concepções de que a teoria e a prática são desvinculadas e trabalhadas de forma isolada, mas devemos compreender que tanto a formação prática quanto a teórica são fundamentais para a formação do professor.

**CAMINHOS QUE PERCORREMOS**

Otrabalho surgiu da necessidade de refletirmos sobre as experiências durante o Estágio Supervisionado I e como atividade avaliativa da presente disciplina. O Estágio Supervisionado I direciona os alunos de graduação do curso de pedagogia para a observação e regência na Educação Infantil, nas creches e pré-escola de caráter público ou particular existentes no munícipio de Pau dos Ferros-RN, na qual a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN/CAMEAM se encontra localizada.

Realizamos o nosso estágio em uma turma multisseriada, na escola com nome fictício XXXXX, com alunos do nível de Pré-escola no nível I e II, atendendo crianças de 4 a 6 anos, sendo uma sala com 30 alunos, heterogênea no que diz respeito aos diferentes níveis de aprendizagem e comportamento, e com um objetivo para as duas professoras da sala, e também para nós estagiárias, de construirmos com os alunos aprendizagens significativas.

Realizamos inicialmente um embasamento teórico nas discussões de alguns autores, que podemos citar como exemplo Tardif (2008) que discorre sobre os saberes necessários para a formação do professor; Pimenta (2010) que discute sobre o estágio supervisionado; Perrenoud (1995) que traz discussões sobre as dificuldades enfrentadas em sala de aula frente aos diferentes níveis e ritmos de aprendizagem do aluno e Cunha (2015) que realiza discussões sobre a educação inclusiva. Além disso, utilizamos o relato de experiência sobre o Estágio Supervisionado I.

*Estágio supervisionado e a preparação para o contato com a escola: Construindo a concepção de estágio*

O Curso de Pedagogia é destinado à formação de professores que atuam na Educação Infantil e nos anos inicias do ensino fundamental. Nos primeiros períodos do curso de pedagogia, a grade curricular é direcionada ao estudo de teorias que orientam e sustentam o fazer pedagógico do educador. O 5º período apresenta entre os seus componentes curriculares uma disciplina teórico/prático, que é o Estágio Supervisionado I, no qual os alunos são preparados, orientados e direcionados à escolas da rede pública ou privada de ensino para realizarem observação e regência em salas de aula da Educação Infantil.

A construção da concepção de teoria e prática são coisas distintas muitas vezes se dá devido “[...] os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhe deu origem. [...] (PIMENTA, 2010, p. 33). Nesse sentido, os alunos dos cursos de licenciatura compreendem que as teorias estudadas são apenas uma parte da formação do professor que não apresentam função para o desenvolvimento da prática pedagógica, sendo vistas apenas como saberes disciplinares, em que os conhecimentos que possibilitem aos educadores ministrar uma aula serão adquiridos por meio das disciplinas práticas da grade curricular de disciplinas da formação acadêmica do educador.

Nesse sentido, “o estágio tem de ser teórico-prático, ou seja, que a teoria é indissociável da prática. [..]” (PIMENTA, 2010, p. 34), dessa forma, devemos compreender o estágio supervisionado como possibilidade de desenvolver uma práxis, que nos possibilite a construção de um estágio investigativo, que proporciona a reflexão e intervenção no ambiente escolar e nos profissionais que os compõe: professores, alunos, gestores, porteiros, merendeiras e comunidade em geral.

O estágio deve ser visto como momento propício à investigação/pesquisa, no qual o aluno estagiário deve ter um olhar crítico sobre os acontecimentos vivenciados e observados no ambiente escolar, para que possa buscar meios de intervenção que possam contribuir positivamente para a melhoria da instituição de ensino e para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, a fim de construirmos uma educação significativa.

O estágio, pode ser compreendido também, como o momento de aprender a ser professor, pois alguns alunos constroem a concepção de que se aprende a ser professor por meio da observação e imitação, dessa forma, acredita-se que “A profissão de professor [...] é prática. E o modo de aprender a profissão, [...] será partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática de professores consagrados como bons. [...] (PIMENTA, 2010, p. 35), muitas vezes, os alunos aprendem observando nossas ações, mas também podem e devem elaborar o seu próprio modo de ser por meio da análise crítica das práticas de ensino observadas.

A prática do professor não pode ser reduzida a realização de técnicas, necessita de teorias que ajudem o educador a solucionar questões educacionais que só são possíveis de serem resolvidas de acordo com alguma teoria aprendida durante a formação acadêmica do educador. Nesse sentido, devemos construir a compreensão que para se formar professores qualificados é necessário construirmos saberes teóricos e práticos.

*O estágio supervisionado: subsídio para a formação docente*

Os alunos que compõe o curso de Pedagogia, em muitos casos, são indivíduos que ainda não tiveram contato direito com o “chão da escola” e o primeiro estágio propicia a esses a conhecerem e vivenciarem a realidade enfrentada cotidianamente em nossas escolas e na sala de aula.

Nessa perspectiva, “um dos primeiros impactos é o susto diante da real condição das escolas e as contradições entre o escrito e o vivido, o dito pelos discursos oficiais e o que realmente acontece” (PIMENTA,2010, p.103), ou seja, ao ser inserido no ambiente escolar o estagiário constrói a concepção idealizada/utópica que é construída na universidade por meio das discussões teóricas e encontra-se diante de uma realidade diferente, que muitas vezes, assusta e desmotiva os professores em formação.

Já os alunos graduandos dos cursos de formação para professores que já lecionam, ao se depararem com o componente curricular do estágio se questionam: “Para que irei estagiar se já estou em sala aula? Se já tenho experiência docente, pois há muito tempo sou professor? O professor sempre precisa estar em constante formação e reflexão para a sua prática, e o estágio supervisionado proporciona isso aos graduandos que já atuam em sala de aula, então, o estágio seria a oportunidade de reflexão e aperfeiçoamento da prática de ensino.

*O estágio na Educação Infantil: entre o cuidar, brincar e ensinar*

A educação infantil em seu processo histórico esteve durante muito tempo associada a caraterísticas assistencialistas, no qual as creches e pré-escolas eram vistas como instituições responsáveis por realizar cuidados de questões higiênicas e de alimentação, não sendo responsáveis por educar e desenvolver atividades de cunho pedagógico, pois a criança era tida como “incapaz” de desenvolver aprendizagens devido a sua faixa etária. Desse modo, as instituições de ensino da Educação Infantil no início de sua constituição eram compreendidas apenas como um lugar que os pais deixariam seus filhos para serem cuidados enquanto trabalhavam.

Atualmente, a Educação Infantil tem vivenciado avanços não somente no que tange a aspectos legais, mas como na construção de uma nova compreensão sobre as funções da Educação Infantil e do desenvolvimento de programas que objetivam estabelecer em creches e pré-escolas a tríplice: o cuidar, educar e brincar.

Em um dos documentos direcionados a discussão da Educação Infantil “Política de Educação Infantil” (BRASIL, 1993), surge o termo da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, que é destinada à criança de zero a cinco anos de idade. As instituições de ensino responsáveis por realizarem atendimentos a crianças nessa faixa etária são as creches e pré-escolas que irão direcionar suas clientelas pelo critério de horário de atendimento e faixa etária. Mas, foi a partir da Constituição Federal de 1998 que a Educação Infantil veio a fazer parte da educação básica.

Na lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, que expressa a finalidade do atendimento educacional às crianças de 0 aos 5 anos de idade:

Seção II- Da Educação Infantil

Art. 29. A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A Educação Infantil passou a ser norteada por um caráter educacional que promove o desenvolvimento integral da criança em suas diversas e complexas perspectivas, buscando formar a criança no cuidar, educar e brincar, características típicas e necessárias para a formação integral, em que a criança possa brincar, ser cuidada e educada, assim alcançando o desenvolvimento de todos os aspectos necessários de serem trabalhados em sua faixa etária.

A concepção de criança construída durante um longo período compreendia a criança como um adulto em miniatura, em que não existia a preocupação guardá-la e protegê-la, de ter infância, a criança vivia junto com o adulto. Tempos depois surgiu a preocupação de proteger a criança e ter cuidados.

Diante disso, devemos desconstruir as primeiras ideias de criança e passar a compreender o período da infância como “[...] uma etapa singular da vida do ser humano, momento mágico, único de desenvolvimento e para tanto deve estar planejado, estruturado.” (ANGOTTI, 2010, p.19).

Nesse sentido, deveremos construir uma Educação Infantil que não tenham apenas funcionários responsáveis por realizar os cuidados das crianças, mas educadores que possuam formação específica para desenvolver atividade de cunho pedagógico, possibilitando a educação dos alunos e atividades lúdicas que proporcione o brincar, que é uma característica e ação típica da infância, mas buscando realizar também os cuidados que são necessários as crianças durante este período. Conforme afirma Angotti (2010, p. 19):

[...] uma profissionalidade para os educadores infantis deverá considerar o fundamental da natureza da criança que é a ludicidade, entendida na sua perspectiva de liberdade e prazer de brincar enquanto condição básica para promover o desenvolvimento infantil, promovendo uma articulação entre o cuidar e o educar. [...]

Dessa forma, a formação dos educadores para desenvolverem o trabalho na educação infantil deverá estar fundamentada na consolidação de um cuidar que proporcione educação, e de uma educação que propicie o cuidar, de atender as necessidades e exigências essenciais que fazem parte da realidade da criança.

Zabala (1998) propõe dez fatores necessários para a garantia de uma instituição de educação infantil adequada para o desenvolvimento da ação pedagógica do educador, são eles:

1.organização dos espaços; 2. Equilíbrio entre iniciativa infantil e trabalho dirigido no momento de planejar e desenvolver as atividades; 3. Atenção privilegiada aos aspectos emocionais; 4. Utilização de uma linguagem enriquecida; 5. Diferenciação de atividades para abordar todas as dimensões do desenvolvimento e todas as capacidades; 6. Rotinas estáveis; 7. Materiais diversificados e polivalentes; 8. Atenção individualizada a cada criança; 9. Sistemas de avaliação e anotações, que permitam o acompanhamento global do grupo e de cada uma das crianças; 10. Trabalho com os pais e as mães e com o meio ambiente - escola aberta. (ZABALA, 1998, p.49-55)

Nessa perspectiva, não devemos tratar a educação infantil como um espaço fechado com ações prontas e acabadas, mas devemos estar abertos a discussões, novas opiniões, que possibilitem um melhor desenvolvimento das atividades que serão realizadas com as crianças para a sua construção enquanto sujeito social.

Portanto, “o papel da educação e do educador infantil concretiza-se no ideal da recuperação da infância perdida nos tempos modernos para inserir a criança no mundo do conhecimento, na condição de ser alfabetizada na leitura de mundo, [...] sem perder [...] a magia, a fantasia, o mundo maravilhoso de ser criança [...]” (Angotti, 2010, p.26). É necessário construirmos uma educação que proporcione à criança a construção de conhecimentos sobre o mundo de maneira crítica, mas devemos permitir que as crianças permaneçam inserida no seu mundo de magia, no mundo da fantasia, em que as coisas acontecem da forma que a criança deseja, no qual é possível viver em um mundo melhor, mas puro e simples.

*O contato com a escola: entre a utopia e a realidade*

A formação acadêmica do professor possibilita a construção de saberes que são necessários para a realização de uma prática pedagógica de qualidade que propicia ao professor o desenvolvimento de aulas construtivas viabilizando a interação entre aluno-professor e que consequentemente reflete positivamente na aprendizagem dos alunos.

As experiências que nós estagiárias tivemos durante a observação e regência no Estágio Supervisionado I, foram relevantes para nossa formação enquanto profissionais, pois apesar de não ser o nosso primeiro contato em sala de aula, pudemos construir conhecimentos ímpares para a nossa profissão, pois cada escola e cada sala de aula são uma diversidade e proporciona a construção de saberes diversos. Contudo, a realidade encontrada na sala de aula na qual estagiamos nos impactou, pois era bem diferente da realidade que conhecíamos e tínhamos lecionado.

A escola na qual desenvolvemos o estágio supervisionado I contava com uma boa estrutura, tendo sala de aula grande e ventilada e com materiais didáticos disponíveis para a realização das tarefas com os alunos. Na sala de aula da educação infantil, na qual estávamos, tinham muitos cartazes educativos, que possibilitava o contato da criança com os instrumentos utilizados na realização das rotinas pedagógicas. O corpo de funcionários que compõe a escola, desde a portaria até a direção são profissionais dedicados e que buscam desenvolver a sua função da melhor forma possível, vale ressaltar que as relações construídas entre todos os funcionários e alunos são boas/afetivas, construindo assim um ambiente harmônico, familiar e feliz.

Durante a vivência da experiência do Estágio Supervisionado I, pudemos constatar quanto é difícil ser educador, mas também como é prazeroso contribuir e ser importante para a construção do ser de inúmeros sujeitos. Dessa forma, refletirmos como faz-se necessária a formação e qualificação de professores para que possam ser construídos os inúmeros saberes indispensáveis para que se possa formar um bom educador, que possa dar asas aos sonhos de seus alunos e que os ajude a alçar voos altos e que construam uma sociedade mais justa e igualitária para as futuras gerações.

*O processo de ensino e aprendizagem: dificuldades em se trabalhar com diferentes níveis de aprendizagem*

O processo de construção de um ensino e aprendizagem eficaz depende de inúmeros fatores, dentre eles podemos citar: a qualificação da atuação do professor em sala de aula, o tipo intelectual do aluno, as ferramentas e o espaço oferecidos pela escola para o trabalho com os alunos, o apoio e acompanhamento familiar e o trabalho conjunto de todos os membros que compõem o corpo escolar.

A aprendizagem é um processo contínuo e complexo, que se faz presente na vida do sujeito desde sua infância e perdura até a velhice. Dessa forma, os indivíduos nunca deixam de aprender e permanecem sempre em constante aprendizado. Em cada fase da vida o processo de aprendizagem ocorre de forma específica e de maneira particular na vida de cada sujeito, sendo assim, cada sujeito apresenta particularidades dentro do processo de assimilação dos conhecimentos.

Percebemos o quanto é complexo o processo de aprendizagem, constatamos isso no Estágio, em que ao nos depararmos com uma sala de aula bem heterogênea, em que encontramos crianças em diversos ritmos de aprendizagem e com particularidades específicas no processo de construção do conhecimento, buscamos a princípio observar e constatar quais dificuldades, forma geral e individual apresentava em relação a esse processo, para que posteriormente pudéssemos elaborar um plano de intervenção que possibilitasse o avanço dos alunos.

É importante ressaltarmos que as crianças que compõem a sala de aula na qual exercemos o nosso estágio apresentam diferentes fases de alfabetização que se enquadravam desde a fase pré-silábica, silábica até a silábica-alfabética. Desse modo, mediante os diversificados níveis de aprendizagens, tornou-se desafiante construir um plano de intervenção que viesse de encontro com as necessidades de aprendizagem de cada indivíduo.

Ao iniciarmos a nossa regência em sala de aula, encontramos a princípio dificuldades em desenvolver nossa aula de forma que todos os alunos acompanhassem a aula e construíssem os conhecimentos que objetivávamos, algumas crianças não conseguiam realizar as atividades devido não compreenderem ou não conseguirem realizar o que era pedido, assim ficavam dispersos, mas no decorrer do estágio, por meio de nossas observações conseguimos construir planos de aula que atendesse as necessidades educacionais de todos os alunos.

Durante o processo de ensino-aprendizagem identificamos que a maior dificuldade encontrada para trabalhar de forma adequada com as crianças é encontrar atividades que atendessem ao nível de desenvolvimento de todos, pois algumas crianças que já haviam cursado o Pré I já estavam mais avançados, enquanto aquelas que iniciaram agora sua vida escolar, apresentavam dificuldades em acompanhar a turma.

Sendo assim, observamos a dificuldade do educador em trabalhar em sala de aula com níveis e ritmos de aprendizagem tão distintos de forma que favoreça a aprendizagem de todos os alunos. Perrenoud (1995, p.29) sobre isto fala que:

Diferenciação não é sinônimo de individualização do ensino. É evidente que não se pode falar em diferenciação sem gestão individualizada do processo de aprendizagem, mas isso não significa que os alunos vão trabalhar individualmente, o que acontece é que o acompanhamento e os percursos são individualizados.

Diante do exposto, observamos que possibilitar essa diferenciação é estar disposto a encontrar estratégias para trabalhar com as particularidades de cada aluno, principalmente aqueles que mais apresentam dificuldades durante o seu processo de aprendizagem. É preciso encontrar novas possibilidades para o ensino, reinventar a prática educativa, experimentar novas metodologias, assumir a possibilidade de errar, mas de estar pronto para corrigir. O mais importante é buscar meios/soluções para que todos os alunos que compõem a sala de aula possam avançar no seu processo de aprendizagem.

*A interação com a criança com necessidade educacional especial: aprendizagens e descobertas em meio a construção de relações afetivas*

Na sala de aula tivemos a oportunidade de ministrarmos aula para 30 alunos, todos diferentes, com realidades sociais diferentes, em que duas crianças apresentavam deficiência e necessidade educacionais especiais. Uma está passando pelo processo de diagnóstico do autismo e outra apresenta paralisia cerebral parcial, que não compromete muito sua cognição, mas interfere em sua capacidade motora. Ambas as alunas estão inseridas na sala regular e tem atendimento educacional especializado.

No primeiro momento, o contato com as alunas foi um pouco difícil, como somos estranhas/desconhecidas para as meninas, elas tinham receio de se comunicar e até aproximar de nós, mas aos poucos por meio do auxílio nas atividades realizadas pudemos ir construindo uma interação com as alunas, que aos poucos foram permitindo o nosso contato direto e até mesmo mais afetivos com elas.

Durante o auxílio das alunas na realização das atividades em sala de aula, podemos perceber que necessitam de um acompanhamento e atenção maior, para que possam acompanhar a turma, pois as mesmas apresentavam dificuldade de concentração e de transcrição das atividades que eram escritas na lousa, mas percebemos que as alunas seriam capazes de desenvolver-se e acompanhar o ensino da sala de aula regular.

É importante ressaltarmos também que o atendimento educacional especializado contribui muito para o desenvolvimento das capacidades e habilidades dos alunos que apresentam alguma deficiência ou necessidade especial, colaborando para o desenvolvimento do aluno em sala de aula regular.

Outro ponto que é de relevância a ser relatado, é a importância da construção de laços afetivos com as crianças, mas principalmente com aquelas que têm deficiência ou necessidades especiais, pois as mesmas necessitam de carinho e atenção, carecem de se sentirem importante e amada, e isso colabora para o seu desenvolvimento cognitivo e de interação em sala de aula.

Construir uma sala de aula inclusiva é um grande desafio, e uma missão árdua ao professor da educação infantil, que necessita buscar estratégias que possibilite que os alunos compreendam que ser diferente é normal. Como afirma Cunha (2015, p.55) “[...]. Educar na diversidade e para a diversidade é um desafio que nós, professores, teremos de suplantar neste contexto plural de interesses, de afetos e de conhecimentos.”

Portanto, na experiência que tivemos no estágio supervisionado I com crianças com necessidades educacionais especiais, percebemos que construir uma educação inclusiva é um grande desafio, mas é necessário para que possamos construir um mundo mais justo e igualitário.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das discussões apresentadas, podemos identificar que existem inúmeras possibilidades de compreensão do que seria o estágio supervisionado, em que muitas teorias e pensamentos reduzem o estágio a hora da prática, mas o momento em que o estagiário é levado a estar em contato direto com a escola, deve ser compreendido como uma atividade teórica, ao contrário do que pensávamos, que possibilita a instrumentalização da práxis docente, da pesquisa, da intervenção em busca de construir uma realidade educacional diferente nas nossas escolas, é o momento dos graduandos do curso de pedagogia começarem a construir sua identidade enquanto educadores. Portanto, “o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto das práxis”. [...] (PIMENTA, 2010, p. 45), ou seja, é na realidade da sala de aula, do ambiente escolar, do sistema de ensino que a prática refletida pela teoria irá acontecer.

Nessa perspectiva, no período de estágio na educação infantil, buscamos em nossas metodologias, construir e trabalhar com materiais didáticos, histórias, vídeos e atividades que possibilitassem que todos os alunos pudessem compreender e desenvolver. Dessa forma, percebemos que no processo de ensino e aprendizagem não existem receitas prontas, nem uma única solução, mas devemos buscar a flexibilidade de nossos planos de aula, a abertura para novas propostas de práticas de ensino e sempre buscar trazer novidades que possam motivar e ajudar os alunos no seu processo de construção dos saberes.

**REFERÊNCIAS:**

ANGOTTI, Maristela. **Educação Infantil: para que, para quem e por quê** / Maristela Angotti, (Organizada). Campinas: SP, 3.ed. Editora Alínea, 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Educação Infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1993.

CUNHA, Eugênio**. Autismo e inclusão:** psicopedagogia práticas educativas na escola e na família / Eugenio Cunha. – 6 ed. – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2015.

NASCIMENTO, Débora Maria do. **Saberes docentes na organização do ensino-aprendizagem:** uma construção reflexiva com professoras do ensino fundamental. – Natal, RN, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia na escola das diferenças:** fragmentos de uma sociologia do fracasso. RS: Artmed, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência.** 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**: Como ensinar. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.